

MARTA
GAUTIER



Um
LUGAR
TRANQUILLO

ARENA

*Aos meus filhos, Pedro, Vasco e Miguel,
com agradecimento profundo por me terem conduzido,
de forma insistente, ao coração, onde agora vivo.*

ÍNDICE

REFLEXÃO

A beleza	15
As mulheres com os homens	21
Sou má	27
A família	28
O machismo dos filhos.....	30
A nossa mãe.....	32
Está ali um homem	34
As mulheres são machistas	38
O meu pai.....	40
A laranja	42
Dizer «sim» quando é «não».....	43
Filmes de Natal	44
Os adolescentes	46
Os miúdos estão a crescer.....	49
Como é ser criança?.....	51
Os meus sapatos, mãe!.....	52
Ofereço o meu coração.....	54
Não é preciso visitar a mãe.....	56
Entrar no comboio	59

Elefantes	60
O presépio	62
As rabanadas	66
Vivermos fechados	69
Queres colo?	71
Avó Deta	73
A carta	78

SILÊNCIO

E se a mulher ficar calada?	85
Aprender a não fugir	86
Chocolates	87
O tempo cinzento é bom	89
Encontrar o amor dentro de nós	91
Como um pássaro	93
Telemóvel	95
A minha rotina	96
O tempo não existe	102
A vida vivida com presença	103
Fátima	104
<i>WhatsApp</i>	105
Televisão	108
Na Natureza	110
Mudar o mundo	112
A lareira	113

EVOLUÇÃO

Parar	117
Presentes de Natal	118
O fracasso é bom.....	120
Criança interior	121
Humorista	122
Dói-me tudo.....	123
Agradecer	124
Quem não gosta de si mesmo.....	126
É um alívio não sermos especiais	129
A vida mete medo.....	132
Ficaria na cozinha para sempre	134
Basta uma ou duas pessoas	137
Abrir o coração	138
Ser uma pessoa qualquer	141
Retiro espiritual	144
Dou-te tudo, Senhor.....	148
O nada que é tudo.....	151
Paris, a torre sou eu	152
Ele.....	157

REFLEXÃO



A BELEZA



Tenho quase 43 anos e na infância fui abençoada com a beleza. A minha avó ia de propósito às amigas para me mostrar e dizia em família: «O trânsito para quando ela passa.» A mim, dizia-me, quase irritada: «Penteia-te bem... põe as costas direitas... és tão bonita que faz pena andares assim.» Donde eu depreendia que, se fosse feia, podia andar curvada e livre, mas sendo bonita, não. «Não uses roupas destas cores, desmaiam-te a cara e faz pena... És bege, já sabes que há cores que não podes...» Então, eu entendia que a beleza, tendo-se, exigia trabalho e até vassalagem. E, se assim não fosse, os outros sentiam-se indignados por não fazermos uso devido da vantagem com que tínhamos nascido.

Na escola chateavam-me porque o meu cabelo era muito volumoso, e chamavam-me «Camomila», aos gritos, acusando-me de aclarar o cabelo. Gozavam-me por ser demasiado alta, demasiado magra e com mãos demasiado grandes. Envergonhada, eu jurava de mim para mim: *Sempre que me tirarem fotografias tenho de me lembrar de me pôr mais baixa, esconder as mãos e apertar o cabelo.*

Também percebi que a beleza é uma capa que nos cobre e impede que os outros nos vejam realmente. Fora da escola, todos à minha volta agiam estranhamente como

se a beleza fosse eu, ou, dito de outra forma, como se o mérito da beleza fosse meu, e sorriam-me com uma admiração e respeito cujas causas, eu sentia, não eram justas e não me pertenciam. Não obstante, é tentador que as pessoas bonitas façam depender da beleza a sua identidade e autoestima, porque lidar com a vida parece mais fácil se formos ela. Então, quando o tempo passa e a beleza começa a deixar de ser o que costumava ser, dói; quando o trânsito começa a andar, dói. Porque nunca nos ocorreu que a beleza podia deixar de o ser. Os outros costumavam usar um tipo de deferência connosco, que assumia a beleza como um atributo vitalício, ou seja, nada havia que sugerisse ou nos preparasse para que a beleza, ou a beleza da juventude, fosse uma condição volátil à qual, por isso, devia ser dada importância relativa.

Assim, como nesta sociedade a morte é um tabu, também o é o fim da beleza ou o envelhecimento. «Não pareces nada mais velha, estás igual!» A mentira descarada, já por si, é reveladora do quão terrível seria se fosse verdade que parecemos, naturalmente, mais velhos. Assumirmos que é suposto conseguirmos manter a beleza da juventude é o mesmo que nos recusarmos a crescer, e há qualquer coisa de triste e de infantil nisto.

Mesmo sabendo-se da impossibilidade de manter uma aparência igual à da juventude, a farsa prossegue sempre, cega: todos fingem ter a aparência que já tiveram, disfarçando-se como podem (porque trata-se de um disfarce, como no Carnaval), com mil artimanhas estéticas e cosméticas.

E tudo isto é uma tirania, porque o esforço a que a beleza obriga é uma tirania e, nos casos em que se torna óbvio que esse esforço foi em vão, é uma vergonha. A verdade, ou por outra, sermos como somos e termos a idade que temos, é uma vergonha.

Mas isto para as mulheres. Porque para os homens convencionou-se que podem envelhecer e envelhecer não lhes fica mal.

Há uns dias li um texto duma também psicóloga, Flávia Melissa, que às tantas dizia: «O corpo da mulher deve ser magro, sem pelos, apenas para se parecer mais e mais com o de uma criança. De certa forma, somos todas vítimas de vozes brancas, masculinas e de meia-idade que nos querem de determinadas formas apenas para que nunca amadureçamos — e, enquanto isso, eles continuam com a força e com o poder. [...] Amemos os nossos corpos e rompamos o círculo vicioso de nos sentirmos inadequadas pelas nossas barrigas, peitos assim ou assado, pernas e pelos e rugas e cabelos brancos. O que aconteceria se nos aceitássemos como somos?»

A este texto apenas acrescentaria: não somos vítimas desta situação, porque tudo isto é feito com o nosso consentimento e convivência.

Se não formos nós, mulheres, a encontrar encanto no nosso envelhecimento, é difícil que os outros o encontrem.

Tenho várias marcas na cara, pelos dias, em adolescente, que passei em frente ao espelho a mexer nas borbulhas, uma das formas que arranjava para lidar com a minha ansiedade. A ansiedade de existir, de estar a crescer, de ter de lidar com

a vida. E vivia num misto entre a raiva das borbulhas e das marcas que deixavam, porque me roubavam beleza, e isso era uma decepção para os outros — «Faz pena...» — e um prazer em exibir-me assim para que, finalmente, me vissem para lá da beleza.

Tenho quase 43 anos, sobrevivi a *bullying*, a abuso, a 5 casamentos dos meus pais e a 15 casas. Senti ódios e raivas, que me demoraram anos de terapia a curar. Errei muito com os outros e sinto um arrependimento terrível por aquilo que os meus erros os fizeram sofrer. Quando me tornei adulta tive uma depressão clínica grave que durou anos e culminou numa tentativa de suicídio. Fiz voluntariado nas favelas do Brasil, por vezes escondida quando ouvia tiros. Fiz um curso superior, um mestrado, escrevi cinco livros e casei. Tive três filhos, gritei, chorei e sangrei em cada parto, dei de mamar, tive mastites no peito, e, por causa delas, no chão do hospital chorei de dores insuportáveis, piores do que as do parto, tive depressão pós-parto, preocupações, sonhos desfeitos, sustos, um divórcio. Tive o pior dia da minha vida, que foi o dia em que, no Algarve, por três horas, perdi um dos meus filhos, com 4 anos, numa zona movimentada e com estradas. Quando o encontramos, já numa esquadra da polícia, olhei para um espelho e tive dificuldade em reconhecer-me — era outra pessoa que ali estava, já não era a mesma e jamais seria.

Passei anos da minha vida com a cara enfiada nos livros, a estudar o comportamento humano para me curar e poder ser útil aos outros, dou consultas de psicologia há 19 anos

e estou há 7 a fazer monólogos no teatro, e quem é do teatro sabe a juventude que lá se deixa.

Depois disto eu não queria envelhecer ou não queria que se notasse?! Eu queria ser a Eva antes de comer a maçã? Esta ideia de que é possível passar incólume à vida não será o mesmo que a rejeitar? Viver negando a vida não é o mesmo que viver uma vida de fantasia?

Há uma culpa entranhada em cada uma de nós, mulheres, porque alguma coisa de errado teremos feito para não conseguirmos parecer mais novas. Talvez não tenhamos descoberto o creme certo, as massagens certas, o exercício físico certo. Falhámos nalguma coisa, porque há muitas mulheres com a nossa idade que estão melhor conservadas. Porque somos uma conserva, talvez pêssego em calda, na despensa há anos.

Abrimos uma revista, um *tablet*, um telefone, uma rede social, vemos a parte de trás dum autocarro, um cartaz na rua, e de lá saltam rabos e peitos. Não vejo televisão, o meu telemóvel não tem acesso à Internet, mas mesmo assim os rabos abundam em fotografias para onde quer que me vire. Meninas com expressões amuadas a olhar para trás como se a dizer «Tenho um rabo perfeito, mas nem sei que o tenho, sou pequenina e distraída». Às vezes, elas até têm o dedo perto da boca, como uma criança. Como sugeria o texto que li, o inconsciente coletivo quer mulheres a parecerem crianças, porque assim não há ameaça ao patriarcado. E porque é que nós, mulheres, pactuamos com isto? Não será, da nossa parte, uma atitude machista e de submissão, disfarçada

sob o argumento moderno, mas simplório, de «O corpo é meu e eu faço o que quiser»?

Tenho quase 43 anos e não quero disfarçar a minha idade. Ter 40 e parecer 30 exigiria de mim uma energia e uma dedicação que quero usar para outras coisas. Além disso, tirar-me-ia dignidade, porque estaria a dizer que há alguma coisa de errado em ter a idade que tenho, em ser como sou. E aprender a gostar de ser como sou foi, exatamente, o que me demorou a vida toda a fazer. Além de que ser como sou poderá ser o meu único encanto. Ser como sou talvez seja, exatamente, a única hipótese que tenho de vencer o tempo.

03/06/2019

AS MULHERES COM OS HOMENS



Poderiam ser muitas outras mulheres a escrever este texto. Escrevo-o por mim e pelo que ouço delas.

Eu tinha um bom marido. Não me batia, não tinha outras, não bebia. Esta era a frase que a minha avó dizia quando, espantada, sabia que alguma «sortuda» se tinha divorciado. «Porque é que ela se divorciou?! Então se ele não lhe bate, não tem outras, não bebe...»

Ele assumiu os filhos e voltava sempre para casa. Regressava pelas 19h, 20h, coitado, trabalhava muito, queria ser rico. Eu estava em casa desde as 16h ou 17h e o meu marido voltava para casa. Eu estava e o meu marido voltava, é diferente. De qualquer forma, eu sentia-me agradecida porque havia a memória da minha avó a lembrar-me de que eu devia agradecer. Eu estava em casa cedo porque havia trabalhos de casa para fazer, porque havia lanches para dar, porque um deles não podia beber leite e eu tinha de estar atenta, porque havia um que estava triste e precisava de mim. E todos esperávamos pelo pai, coitado, que trabalhava tanto, queria ser rico, sem saber que já o era. Quando chegava, tinha tempo para jantar, ver o telejornal e, numa brincadeira, atirar os filhos ao ar no segundo antes de os deitar. Os filhos riam, nervosos, agradecidos,

porque naquele segundo não podiam falhar; precisavam de continuar a convencê-lo a voltar e a ter vontade de lhes dar aquele segundo. Mesmo que aquele segundo fosse mísero e pobre, o pai é que era. O pai é que era! O pai que estava pouco, o pai que se torna num mito.

Eu não queria fazer sexo porque no fundo o odiava sem saber. Não sei se era a ele exatamente que eu odiava, ou se a todos os homens, porque ainda me corre nas veias o sangue de todas as mulheres sujeitadas e caladas ao longo do tempo. Mas o que lá vai, lá vai, e eu agora devia estar agradecida e nem nunca o poderia odiar porque, na verdade, o que fazia ele de mal? Nada, coitado. Eu não o podia odiar como deve ser porque ele não fazia nada de mal! Não bebia, não tinha outras, não me batia. Para ser louvado, bastava-lhe isso, não fazer alguma coisa.

Ao fim de semana, quando não trabalhava, ele estava lá. Estava lá muitas horas, isso não se pode negar. Era um homem moderno, sensível, diferente do seu próprio pai. Estava lá, muitas vezes com a cara enfiada no seu *iPad*, mas estava lá, não se pode negar. Não era isso que eu queria, que lá estivesse? Então, pronto!

Às vezes, quando eu queria falar sobre a nossa relação, ele dizia que eu estava a ver problemas onde não havia, e eu, com medo de ser chata, acabava por concordar e dávamos um beijo. Ele não tinha o hábito de falar sobre o que sentia, nem sabia como o fazer. O que ele sentia ficava escondido atrás de *iPads* e de carros bons. Ficava tudo ali, e nós os dois também ficávamos ali, em casa, sem saber o que fazer um com o outro.

Às vezes, ao fim de semana, os filhos faziam-lhe uma pergunta e ele não respondia porque não ouvia, coitado, trabalhava muito. Vá, meninos, deixem o pai. O pai-mito que tinha comprado um carro fixe. E eu, moderna, evoluída, mas calada. A achar que digo o que penso, mas calada. Ele também era moderno, dava banho ao bebé, cozinhava às vezes, lavava os pratos e levava o lixo. E eu agradecia, batia palminhas, dava-lhe um beijo, dizia-lhe que tinha feito muito bem, fazia-o para ele se motivar, para continuar, para se sentir bem, para nos dar uns segundos. Eu batia-lhe palmas, e batia palminhas aos nossos bebés. Eu e os nossos bebés desde as 17h, desde as 3h, desde as 10h, desde sempre. Porque a forma como uma mãe está com os seus filhos não se mede em tempo. Eles podem até estar na escola, distraídos, e nós, não estando lá, estamos, porque aprendemos a bater o nosso coração ao mesmo tempo que o deles. Eles chegam a casa e nós sabemos o que se passou, mesmo que eles não contem e, de facto, não saibamos.

Eu também trabalhava fora de casa e, quando chegava, pensava em todos os detalhes, tratava de tudo, conseguia tudo, mas essa não era uma das razões pelas quais eu reclamava, nem me ocorria. As mulheres aguentam tudo desde que o mundo é mundo — sabemos aguentar e, por essa razão, distraidamente, continuamos a aguentar. Antigamente, eles iam à caça e nós conseguíamos ficar de olho nas crianças, nos velhos, na panela e nas intempéries que ameaçavam a casa. Agora, que já não é preciso irem à caça — e o carro novo não é para comer, não me enganem —, nós esquecemo-nos de deixar de aguentar, e continuamos, por hábito.

Apesar deste hábito tão entranhado, de certa forma, o nosso corpo, a nossa alma e o nosso espírito não se conformam. Então, ao fim do dia, acontece-nos um azedume contra os miúdos, contra ele, contra a vida. E cobramos, e ficamos mesquinhas, mas como não sabemos explicar o que se passa como deve ser, nem ninguém lá em casa tem muito interesse em saber, nunca o exorcizamos ou curamos completamente, e é assim que começa a ficar por nós confirmada, equivocadamente, a suspeita que temos: somos más pessoas.

Queixar-me de quê? O que é que eu quero mais, caramba?! A minha avó morta sempre a bater-me no peito como um coração, lembrando-me que eu era uma sortuda quando comparada. Então eu, «a comparada», agradecia. Mas quem serei eu sem ser comparada? O que é que eu quero realmente? Não sabia.

Quando decidi separar-me do meu marido senti-me uma cabra. Mal-agradecida, caprichosa, destruidora de lares, como diz a expressão antiga. Sinto-me, até hoje, uma cabra. Mesmo perante os meus filhos sinto-me mal. Por causa do medo dos homens; eu, perante os meus filhos rapazes, também sinto medo, há uma parte de mim, antiga, que julga ter-lhes faltado em obediência. Há uma pergunta que nunca é feita, nem, talvez, pensada por eles, mas que na realidade acontece dentro de mim como se eles ma fizessem: «Porquê, mãe? O que te custava teres aguentado?» Na verdade, ter-me-ia custado a vida.

Talvez, um dia, as minhas futuras netas poderão beneficiar da minha libertação; talvez, um dia, elas saberão dizer naturalmente o que eu calei durante tanto tempo

por não me sentir no direito de o fazer; talvez, um dia, elas possam dizer que não tem que ver com a pasta de dentes mal fechada, nunca teve que ver com a pasta de dentes mal fechada, apenas o referimos porque ainda não nos sabemos explicar melhor.

Um dia, talvez graças a esta e a tantas outras tentativas de esclarecer da nossa parte, as minhas netas não sintam tanto peso, tanta culpa ou tanta solidão como eu senti. Talvez um dia, quando as mulheres quiserem falar com os homens sobre sentimentos, eles já o saibam fazer, porque os seus avôs, um dia, foram largados pelas suas mulheres de um dia para o outro, por eles se terem negado, anos a fio, a conversar com empenho. Hoje, as mulheres têm isto de perigoso: nós vamos alertando, vamos dizendo, vamos pedindo para conversar, mas, se ignoradas com persistência ou, pior, se, parecendo que nos estão a ouvir, nos ignoram, nós calamo-nos, mas um dia, aparentemente inesperado, vamo-nos embora. Nesse momento, não há mais nenhuma, absolutamente nenhuma, conversa que queiramos ter, nem mais um minuto lhes damos. Eles, aparentemente chocados, dirão que a nossa atitude veio do nada, que caiu do céu, que estamos loucas.

Para já, até hoje, mesmo que subtilmente, trato sempre o meu ex-marido como que pedindo desculpa pelo que fiz, o que faz com que ele me trate com uma sobrançeria que eu permito e a que os meus filhos rapazes assistem e assimilam. Vejo também que os meus filhos veem o pai como um herói e glorificam qualquer gesto de carinho dele, mesmo que eu tenha tido vinte iguais antes disso. E talvez

tenham razão, o amor dos homens pelos seus filhos é, muitas vezes, mais limpo e mais puro do que o nosso. O fardo que nós mulheres assumimos torna-nos numa presença mais pesada e ressentida. Além disso, o meu ex-marido e as suas certezas dão, provavelmente, uma maior segurança às crianças. Eu e as minhas lutas interiores, as minhas dúvidas, os meus medos e as minhas hesitações, fazem com que transpareça em mim uma, ainda, insegurança não muito atraente. Continuarei, então, no trabalho interior de me tornar uma mulher mais segura e, se já não for a tempo de o ser completamente e de gozar de todas as vantagens que daí adviriam, continuarei a tentar. É assim que o mundo vai mudando para melhor.

27/03/2022

SOU MÁ



Sinto-me suja, feia, cheia de medo, como um bicho assustado, com uma perna a tremer. Suja como o esgoto de um prédio sujo. Suja em segredo, atrás da saia e do batom clarinho que pus. Pecadora, infame, má, puta, serei, segundo a lei dos pecadores, apedrejada e contorcer-me-ei, com toda a gente a ver, chafurdando em sangue, pedindo ajuda, sem ninguém ouvir. Eles, os que me apedrejam, têm razão, eles descobriram como sou suja e má. E eu choro, cheia de saias e clarinha como uma santa.

Oh, Deus meu, que horror! Viro-me e vejo que afinal ninguém me bate, nunca ninguém me bateu, afinal sou eu própria a bater-me! Apesar do horror, deixo-me ficar assim, batendo-me, substituindo os que pareciam bater-me. Sorrio para não parecer tão suja assim. Com lágrimas a correr, mas que ninguém sabe e ninguém vê, porque se confundem com riso, com sangue, com suor. Sou puta e santa, de igual modo, no fim da Ceia.

14/02/2020

A FAMÍLIA



Um dia, há muitos anos, uma psicóloga, minha supervisora na altura, disse-me que os pais podem amar todos os seus filhos por igual, mas gostar deles de maneira diferente. Às vezes, ou em determinadas fases da vida, há filhos com quem pode ser mais agradável estar, por quem os pais se sentem mais acarinhados e, nesse sentido, gostam mais.

O mesmo se passa com os filhos em relação aos pais, um filho pode amar o seu pai ou a sua mãe, mas não se identificar com a sua personalidade ou não gostar particularmente da sua companhia. Neste sentido, amar e gostar é diferente. Os nossos pais e os nossos filhos, apesar do parentesco, são pessoas como outras quaisquer. O sangue não obriga a gostar. Às vezes coincide, mas não obriga. Ou, mais simples ainda do que gostar ou não gostar, às vezes um filho quer estar longe dos pais porque quer seguir a sua vida por si mesmo, longe das opiniões dos pais e da maneira de viver dos pais. Ou, às vezes, um filho precisa de estar longe dos pais e da sua família próxima porque, quando está perto deles, volta a ser a pessoa que sempre foi. Ou seja, apesar de hoje ser adulto, quando está perto das pessoas que o viram crescer, volta a ser, de certa forma, a criança pequena de outrora, voltando a ter o mesmo tipo de comportamentos e reações. Isto,

para quem está comprometido num caminho de evolução pessoal, pode atrasar e atrapalhar o progresso.

Gosto de lembrar isto aos meus pacientes, para que, no que às relações familiares diz respeito, descondicionem de si a lógica dominante da cultura latina. Nesta cultura há um grande endeusamento da família e parece que é suposto vivermos constantemente envolvidos até ao âmago com nossos pais, filhos, irmãos, tios, etc. E quando assim não é ficamos com um sentimento de culpa. Neste sistema, os familiares consideram-se no direito de cobrar, ainda que, às vezes, de forma disfarçada, a presença de um filho, e esse filho, por sua vez, também considera que devia estar mais presente do que, na verdade, considera razoável, e então fica instalada a ideia de que é um mau filho ou uma má pessoa porque está ausente.

Enfim, em jeito de provocação, gosto até de lembrar o seguinte: nesta cultura diz-se que a família é a coisa mais importante, mas, na verdade, são exatamente o sofrimento e as neuroses provocados por questões familiares a trazerem a maior parte das pessoas aos consultórios de psicologia. Não é suspeito?

07/06/2021

O MACHISMO DOS FILHOS



A ver se consigo explicar isto.

Há uma espécie de machismo internalizado, fruto de toda a História, com que os nossos filhos e filhas nascem e que faz com que, de um modo geral, respeitem mais os pais e menos as mães. É como se já viessem a saber que a voz do pai é a voz para ser ouvida. E a outra voz pode passar a ser, se não se acautelar, apenas um barulho de fundo.

Nesses filhos ou filhas ainda corre o sangue dos seus pais, avôs, bisavôs e tetravôs, que reviravam os olhos quando as suas mulheres, as chatas, falavam. E agora, nestes meninos, os das gerações Z e Alpha, por mais evoluídos e modernos que sejam, ainda lhes corre nas veias uma impaciência para com as mulheres; a sua atenção ainda tem dificuldade em focar-se quando elas falam. Ainda não se conseguiram livrar disso e por isso, afinal, ainda são velhos.

A isto juntam-se outras variáveis.

As mulheres, ou seja, as mães destes meninos, por também elas ainda serem machistas, sem que, no entanto, tenham muita noção disso, colocam-se no lugar aonde acham que pertencem: o de chatas. E encarnam um papel que, na verdade, já não é o seu, nem deste tempo, seria o das suas mães, das suas avós, das tetravós, mas já não o seu. Também elas, então, ainda são velhas. Imitam as chatas

antigas, repetindo as coisas vezes sem conta, mesmo intuindo que isso pode comprometer o respeito que os filhos têm por si. E fazem ainda uma outra coisa antiquada: têm ataques histéricos, descompensam.

As mulheres, por vício antigo, querem fazer tudo, querem controlar tudo, chamam a si todo o trabalho e depois, como ninguém aguenta tanto, tornam-se vítimas daquilo que criaram. Os seus filhos, por sua vez, para além de não saberem como resolver a situação das suas mães, por causa da cobrança que elas lhes fazem, sentem-se culpados mas também lhe vão ganhando ressentimento. E assim ficam confirmadas as suas crenças inconscientes: é melhor não dar importância ao que a mãe (mulher) diz. E as suas mães que todos os dias se esforçam tanto, não se sentindo por eles compreendidas ou acarinhadas, vão, digamos assim, endoidecendo lentamente.

A forma de limpar de nós, mulheres, este sangue antigo que a História gravou será, ao invés de continuar a lutar, fazer exatamente o contrário: baixar os braços de uma vez. Pararmos de querer fazer tudo, aprendermos a ficar quietas, aprendermos a pôr limites nos filhos de forma segura e equilibrada, meditar e, quando nos enganarmos e voltarmos a ser a louca de antigamente, perdoarmo-nos e continuarmos. Cair e levantar, cair e levantar, cair e levantar.

08/12/2022

A NOSSA MÃE



Hoje acordei muito cedo. Mais tarde, há pouco, ouvi uma chuva muito forte lá fora. Ainda ensonada, dei por mim a sentir medo como uma criança, tive vontade de chorar, quis a minha mãe. Há uma altura em que a mãe dá um beijinho e tudo passa e eu queria essa altura. A mãe diz «No filme é tudo a fingir, é *ketchup*» e nós suspiramos de alívio. Caímos, magoamo-nos, a mãe dá um beijinho e aquilo fica mesmo a doer menos, é esquisito. A mãe diz que o barulho da chuva forte é bonito, e fica bonito.

Há uma parte do pescoço do meu filho mais pequenino, perto da orelha, onde lá vou às vezes, à noite, para dar outro beijinho de boa noite. Em segredo pergunto-lhe «Amanhã vamos ter um dia quê?» Ele já sabe a palavra combinada e diz «Maravilhoso». Às vezes, meio ensonado, não se lembra logo da palavra certa e diz «Fabuloso» e eu digo que não. Ele começa a rir-se, nervoso por não se lembrar. Puxa pela cabeça, sabe que a palavra é forte, mas não a consegue encontrar. Outras vezes engana-se de propósito, só para nos rirmos, e diz: «Fantástico?» «Não, não, nem pensar!», digo eu. E finalmente, feliz, diz: «Maravilhoso». «Muito bem!», aplaudo.

Às vezes, com tudo isto da pandemia, eles têm medo, ficam nervosos, eu digo-lhes que está tudo bem, que estou

feliz, que é maravilhoso passarmos todo o dia juntos. E vejo-os sossegar. «Se a minha mãe diz, é.»

Mas às vezes nós, os grandes, quando pensamos demais em tudo ou quando começa a chover, ou basta um pico a picar-nos o dedo, também queríamos ter a nossa mãe, na orelha, a dizer que amanhã vai ser maravilhoso.

01/04/2020

ESTÁ ALI UM HOMEM



«Está ali um homem» era uma frase que a minha mãe dizia, tensa, depois de sair do carro já estacionado e se deparar com um homem sozinho por perto, ou ao virar uma esquina, no lusco-fusco, ou de manhã cedo, ou, se eu for a pensar bem, a qualquer hora. Dizia a minha mãe, mas podia ser a minha tia, a minha avó ou eu. Aprendi que um homem sozinho, com pouca gente à volta, é para temer, é para se andar mais depressa afetando naturalidade, é para rezar baixinho, é para sentir alívio quando conseguimos passar por ele, ou ele por nós, sem que nos faça mal.

Não se confia num homem sozinho, mas confia-se num homem com uma mulher ao lado. Uma mulher ao lado de um homem equilibra-o, e pode inibi-lo de instintos primários. Mas se ele estiver sozinho, não. Sozinho nunca, só rezando. Ninguém explicava, mas era assim.

Vários homens sozinhos e juntos também não se pode confiar. Quando cheguei à adolescência, teria 12 ou 13 anos, três rapazes mais velhos, talvez com 14 ou 15 anos, encostaram-me contra uma parede escondida do nosso liceu e, por cima da minha roupa, apalparam-me o corpo em todo o sítio e foram brutos a fazê-lo, magoaram-me. Enquanto eles o faziam, eu ficava a olhar para cima, para o céu, e esperava que passasse. Era a única coisa que me

restava fazer, olhar para o céu, calada, e esperar que acabasse. Sentia uma dor tão grande e tão grave, no corpo e na alma, que aprendi a fingir que não era dor, que a vida era assim.

Ficava vários minutos à espera que eles acabassem. Eles riam, gozões, e pareciam estar a ter prazer. Nessa altura eu ainda não sabia que eles só faziam aquilo porque achavam que era assim que os homens faziam, e porque tinham medo. Eram homens sozinhos. Eu pensava que os homens é que sabiam das coisas da vida e, se estavam tão alegres com o que estavam a fazer, o sexo devia ser assim e eu era esquisita por não me sentir alegre.

Quando acabavam, libertavam-me e diziam que me matavam se eu contasse a alguém. E eu acreditava, claro, porque não haveriam de me matar? Isto terá durado talvez uns meses ou um ano letivo, mas nunca me ocorreu, nem por um momento, contar a alguém, denunciá-los. Mas um dia, inesperadamente, a minha boca falou sozinha e eu ouvi-me, perplexa, a dizer-lhes isto aos gritos: «EU VOU CONTAR!» Isto foi a minha boca a fazê-lo, sem o meu consentimento, porque eu, dado o terror em que vivia, jamais o teria feito.

O principal, o chefe, chamava-se Paulo e, ao ouvir-me, ficou tão enraivecido, que comecei imediatamente a correr para fugir dele. Corri como nunca corri na vida nem voltarei a correr. Num percurso de 15 minutos, do liceu até casa, corri, com ele imediatamente atrás de mim, a vinte passos talvez, cheio de ódio; via-lhe a cara quando, por meio segundo, me virava para avaliar a distância. Ele ia matar-me, disse eu não tinha dúvida, a minha questão era quando,

em que troço do caminho. Eu corria, apercebi-me na altura, apenas para adiar a morte por alguns momentos. Valeria a pena? Corri como as minhas pernas finas jamais poderiam correr algum dia. Não era o meu corpo que ali estava, foram outras pernas que a vida me pôs, por 15 minutos. Tudo isto se passou em Oeiras. Atravessei estradas, passei por cima de pontes para peões e desviei-me de pessoas assustadas. *É que ele vai matar-me, vou morrer hoje, entendem?*

Quando finalmente vi, ao fundo da rua, o prédio onde eu vivia, passou-me pela cabeça a hipótese de conseguir, de o vencer. Mas, logo ao mesmo tempo, quase me arrependi de estar a conseguir, de ser bem-sucedida. Como me atrevo a vencer o Paulo? Como ficará ele depois disto? Recuperará? A porta do prédio estava aberta e eu entrei e fechei-a com estrondo. Passados 5 segundos vi-lhe a cara roxa a fixar-me pelo vidro. Senti pena, quase lhe pediria desculpa, se isso não o fosse enraivecer mais.

Quando cheguei a casa nem me passou pela cabeça contar a alguém. Na verdade, será que tinha acontecido alguma coisa de especial? Simplesmente eu ia morrer, mas não morri, salvei-me. Não é isso o que as mulheres fazem? Mas a minha mãe viu-me chegar naquele estado de exaustão e perguntou o que se passava. «Nada», disse eu. Ela insistiu. «Nada», voltei a mentir. E ela disse assim: «Não saio daqui enquanto não me contares.» E eu, que não ia contar, afinal senti alívio pela possibilidade de o fazer, e fiz.

Na manhã seguinte a minha mãe foi ao liceu, fez um escândalo no gabinete da Direção e eu, cheia de vergonha

e de terror, achei que agora é que eles me iam matar mesmo. Mas não só não morri como eles nunca mais me tocaram.

O que aconteceu naquela altura trouxe dificuldades à vida sexual que iniciei poucos anos mais tarde, e algumas dessas sombras ainda hoje surgem quando estou em intimidade. Quando levei este assunto a uma psicóloga, percebi que, para haver cura, teria de fazer um trabalho profundo de conciliação com os homens. Hoje, quando digo «Está ali um homem», já não tem tanto peso.

22/01/2019

«A FELICIDADE PODE METER MEDO
PORQUE NÃO TEM UMA HISTÓRIA,
NÃO TEM UMA INTRIGA QUE ENTRETENHA
E NOS ACOMPANHE. A FELICIDADE APENAS É.»

Neste seu regresso à escrita, Marta Gautier apresenta-nos um caminho feito de reflexão, silêncio e evolução. Mais do que crónicas e pensamentos, este é um livro que nos mostra o que se torna necessário e essencial para nos percebermos a nós mesmos enquanto indivíduos, com todas as nossas falhas e os nossos acertos, todas as nossas derrotas e as nossas vitórias.

Escrito com a verdade e com sentimento, este livro, com textos escritos entre 2016 e 2023, é a chave que nos ajudará a todos a abrir o coração para, assim, alcançarmos o nosso lugar tranquilo.

«O QUE A VIDA NOS PEDE É QUE PERMITAMOS,
SEM RESISTÊNCIA, QUE PASSEM POR NÓS
TODAS AS EMOÇÕES QUE SURGIREM;
É QUE DEIXEMOS A VIDA SER COMO ELA É.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
@ penguinlivros

ISBN 9789897872501



9 789897 872501 >